



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

Reitora: Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro  
Vice-Reitor: Evandro Sena Freire



## **Departamento de Letras e Artes**

Diretor: Samuel Leandro Oliveira de Mattos  
Vice-Diretora: Lúcia Regina Fonseca Netto

Rodovia Jorge Amado (BA-415), km 16  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
CEP 45662-900 – Ilhéus – Bahia – Brasil  
Endereço eletrônico: [letras@uesc.br](mailto:letras@uesc.br)  
Site eletrônico: <http://www.uesc.br/dla/index.php>  
Fone/Fax: 55 73 3680-5088



## **EID&A**

Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação

ISSN 2237-6984

Editores  
Eduardo Lopes Piris  
Moisés Olímpio Ferreira

Endereço eletrônico: [revista.eidea@gmail.com](mailto:revista.eidea@gmail.com)  
Site eletrônico: <http://www.uesc.br/revistas/eidea>

## **EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**

UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz

Departamento de Letras e Artes

Rodovia Jorge Amado (BA-415), km 16

Campus Soane Nazaré de Andrade

CEP 45662-900 – Ilhéus – Bahia – Brasil

revista.eidea@gmail.com

### **Editores**

Eduardo Lopes Piris • Moisés Olímpio Ferreira

### **Comitê Científico**

Ana Zandwais (UFRGS) • Anna Flora Brunelli (UNESP) • Carlos Piovezani (UFSCar) • Christian Plantin (ICAR/CNRS) • Cristian Tileaga (U.Loughborough) • Eduardo Chagas Oliveira (UEFS) • Emília Mendes Lopes (UFMG) • Eugenio Pagotti (UFS) • Fabiana Cristina Komesu (UNESP) • Galia Yanoshevsky (U.Tel-Aviv) • Guylaine Martel (U. Laval) • Helena Nagamine Brandão (USP) • John E. Richardson (U.Newcastle) • Lineide Salvador Mosca (USP) • Luciana Salazar Salgado (UFSCar) • Luciano Novaes Vidon (UFES) • Manuel Alexandre Júnior (U.Lisboa) • Marc Angenot (U.MacGill) • Maria Alejandra Vitale (UBA) • Marianne Doury (CNRS) • Marie-Anne Paveau (U.Paris XIII) • Marisa Grigoletto (USP) • Ricardo Henrique Resende de Andrade (UFRB) • Rui Alexandre Grácio (U.Nova de Lisboa) • Ruth Amossy (U.Tel-Aviv) • Ruth Wodak (U.Lancaster) • Sheila Vieira de Camargo Grillo • Sírio Possenti (UNICAMP) • Sophie Moirand (U.Paris III) • Soraya Maria Romano Pacifico (USP) • Valdemir Miotello (UFSCar) • Valdir Heitor Barzotto (USP) • Vânia Lúcia Menezes Torga (UESC) • Viviane Cristina Vieira Sebba Ramalho (UnB) • Viviane de Melo Resende (UnB) • Wander Emediato de Souza (UFMG) • William M. Keith (U.Wisconsin)

### **Tradutores**

Ingês: Elaine Cristina Medeiros Frossard • Flávia Sílvia Machado • Kelly Cristina de Oliveira • Laurenci Barros Esteves • Paulo Roberto Gonçalves Segundo

Francês: Carlos Albeto Magni • Flávia Sílvia Machado • Maria Helena Cruz Pistori • Moisés Olímpio Ferreira • Silvana Gualdieri Quagliuolo Seabra

Espanhol: Cristina do Sacramento Cardôso de Freitas • Ludmila Scarano Coimbra

### **Revisores**

Denise Gonzaga dos Santos Brito • Mirélia Ramos Bastos Marcelino • Moisés Olímpio Ferreira • Roberto Santos de Carvalho

### **Capa e logotipo**

Laurenci Barros Esteves

### **Diagramação**

Eduardo Lopes Piris

## METÁFORA ARGUMENTATIVA NO DISCURSO DE PAULO MALUF

Daniela da Silveira Miranda<sup>i</sup>  
Solange Ugo Luques<sup>ii</sup>

**Resumo:** Investigar como acontece a argumentação no discurso político é uma forma de torná-lo mais transparente e desvendar os múltiplos significados nele contidos. Dentre as inúmeras possibilidades, uma estratégia de análise que parece bastante válida parte do estudo das escolhas metafóricas presentes em uma manifestação discursiva, visto que elas podem revelar a relação que determinado locutor tem com o mundo. Este estudo, entretanto, não pode acontecer desvinculado de considerações sobre a identidade do enunciador, os pressupostos da nova retórica sobre o auditório a que tal discurso se destina, o contexto e a situação sócio-histórica em que ele ocorre. Para a presente análise, foram selecionadas duas amostras da produção discursiva de Paulo Maluf, conhecido político brasileiro ainda em atividade, em que se procurou averiguar de que forma o uso da metáfora como estratégia argumentativa pode revelar efeitos de sentido inesperados.

**Palavras-chave:** Argumentação. Discurso político. Metáfora. Auditório.

**Abstract:** Investigating how argumentation happens in political discourse is a way to make this kind of discourse more transparent and to reveal the multiple meanings that it contains. Among the many possibilities, an analysis strategy that seems quite valid is the study of metaphorical choices present in a discursive manifestation, since they can reveal the relationship that a particular speaker has with the world. This study, however, can not take place disconnected from considerations about the identity of the speaker, from assumptions of the new rhetoric about the audience to which such speech is intended and both the context and sociohistorical situation in which it occurs. For this analysis, we selected two samples of the discursive production of Paulo Maluf, a well-known and still active Brazilian politician, with the purpose to determine how the use of metaphor as argumentative strategy may reveal unexpected effects of meaning.

**Keywords:** Argumentation. Political discourse. Metaphor. Auditorium.

---

<sup>i</sup> Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil. E-mail: [danielasilveir@hotmail.com](mailto:danielasilveir@hotmail.com).

<sup>ii</sup> Doutoranda em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil. E-mail: [luquesol@hotmail.com](mailto:luquesol@hotmail.com).

## Introdução

O discurso político é persuasivo por natureza. Seja em época de eleição, na inauguração de uma obra ou na defesa de uma opinião em plenário, o objetivo primordial do locutor político é convencer seu auditório da validade de suas propostas, conquistando, assim, a adesão de seus interlocutores às suas ideias. Para tanto, ao elaborar seu discurso, o político escolhe, dentre tantas possíveis, estratégias que o auxiliem a conseguir tal objetivo, considerando, entre outras possibilidades, o auditório a que vai se dirigir, e selecionando os recursos linguísticos que pretende empregar para persuadir esse auditório.

Quando todo esse planejamento se transforma em materialidade discursiva, pode certamente tornar-se, conforme afirma Aquino (2007, p. 3247), “objeto de estudos que permitam captar suas diversas dimensões e compreender sua organização”. Partindo desse princípio, foram tomados, como objetos de análise, dois discursos de Paulo Salim Maluf, político brasileiro que já ocupou inúmeros cargos públicos, para serem examinadas e analisadas as escolhas metafóricas que esse locutor utilizou como estratégia argumentativa, tornando mais transparente o modo de organização do discurso dessa conhecida figura pública, ao revelar dimensões da relação que Paulo Maluf estabelece com a política e o poder.

De acordo com informações obtidas em sua página oficial na Câmara dos Deputados, o industrial, engenheiro civil e empresário Paulo Salim Maluf nasceu em 03/09/1931, em São Paulo, SP, e se encontra cumprindo sua terceira legislatura como Deputado Federal, 2011-2015. Ele também já exerceu mandatos de Prefeito de São Paulo por duas vezes (de 1969 a 1971 e de 1993 a 1997), e de Governador do Estado de São Paulo (de 1979 a 1982). O acesso a tais informações foi feito

em 28/01/2012, por meio do link [http://www.camara.gov.br/internet/deputado/dep\\_Detalhe.asp?id=528890](http://www.camara.gov.br/internet/deputado/dep_Detalhe.asp?id=528890).

A primeira amostra do *corpus* a ser examinada é um discurso proferido por Paulo Maluf, à época Prefeito da Cidade de São Paulo, na inauguração do primeiro trecho da Avenida Água Espraiada, em 10 de janeiro de 1996<sup>1</sup>. É um típico discurso de inauguração, em que o prefeito comenta os benefícios trazidos a todos, agradece a seus colaboradores e anuncia a aprovação divina à sua obra. O texto está transcrito no **Anexo I** e será denominado como ‘Discurso de Inauguração’ para fins de análise.

A segunda amostra é um discurso que Paulo Maluf proferiu na Câmara dos Deputados no Congresso Federal, sessão: 047.1.53.0, às 16h26m, do dia 26 de março de 2007, na condição de Deputado Federal pelo PP-SP (Partido Progressista) durante mandato que exerceu de 2007 a 2011. O texto integral encontra-se transcrito no **Anexo II** sob o título de ‘Discurso na Câmara’ e foi retirado do site oficial da Câmara dos Deputados: <http://www.camara.gov.br>, na sessão Discursos e Notas Taquigráficas, mediante pesquisa em nome do orador Paulo Maluf, na data de 26 de março de 2007, acesso em 21/01/2012. É um discurso, a princípio, sobre o *combate ao desmatamento*, que se transforma em *apologia ao reflorestamento*. As duas falas foram selecionadas por serem exemplo do uso que esse político faz de linguagem metafórica como estratégia argumentativa, indiferentemente de dirigir-se a auditórios distintos.

Neste breve estudo, além de considerações sobre retórica e a argumentação em geral, a escolha da metáfora como estratégia argumentativa construtora de significado e o exame de conceitos como o de auditório, ainda

---

<sup>1</sup> O discurso mencionado consta da obra **Parceiros da Exclusão** (FIX, 2001, p. 200-2).

foram levados em conta a identidade do enunciador, o contexto e a situação sócio-histórica em que os enunciados foram produzidos.

### 1. Sobre Retórica e Auditório

Desde a Antiguidade Clássica, postulados oriundos da Filosofia sugeriram reflexões acerca da linguagem e de seu poder persuasivo. Historicamente, consta que a gênese da Retórica ocorreu de uma ordem sócio-política, em meados do século V a.C, na Sicília, em que as populações, antes transferidas de suas terras, tentaram retomá-las, mobilizando júris populares. Desse modo, utilizavam-se do discurso, com o objetivo de convencer e persuadir os julgadores sobre a posse de determinada terra. Dessa forma, possivelmente, a Retórica surgiu por meio de questões judiciais.

Como não havia advogados, segundo Reboul (2004), as pessoas da população recorriam a profissionais específicos – espécie de escrivães públicos –, a fim de que eles escrevessem as queixas que seriam lidas diante de um tribunal. Os retores, nessa época, ofereciam um instrumento de persuasão capaz de convencer os juízes sobre a tese, já que a Retórica não parte do verdadeiro e sim do verossímil, que pode ser modificável no tempo e no espaço de acordo com a cultura de determinada sociedade e com os valores incutidos no auditório. Portanto, podemos concluir que a Retórica surgiu devido a diferenças entre pontos de vista de proprietários de terras e pela necessidade de persuasão.

Aristóteles (2005 [1354]) sistematizou a Retórica imprimindo-lhe cientificidade, utilidade e caráter argumentativo. Para ele, o orador que quisesse persuadir seus pares precisava se preocupar com os três pilares da retórica: o *ethos*, que corresponde à imagem que o orador quer transmitir de si; o *pathos*, que consiste nas emoções que desperta nos

ouvintes e o *logos*, que é a própria organização de seu discurso.

Podemos observar, dessa forma, que a Retórica tem como finalidade a persuasão, ou seja, por meio dos argumentos utilizados, o orador objetiva promover uma ação positiva do ouvinte em relação à tese apresentada e busca a prova mais verossímil, construindo uma representação do mundo, de acordo com os valores selecionados por meio da adaptação do orador ao auditório.

A partir dos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, em 1958, os autores neoretóricos deram mais importância ao auditório, e a Retórica passa a ser compreendida como arte de persuadir, em que os oradores buscam argumentos eficazes para a adesão do auditório à tese defendida. Podemos observar que há um ponto a ser discutido, uma controvérsia.

O auditório consiste, para esses estudiosos, de uma pessoa ou conjunto de pessoas a quem o orador quer persuadir ou convencer a respeito de uma tese, ou melhor, o auditório é “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005 [1958], p. 21).

Além de prender a atenção do auditório, o orador deve presumir aqueles a quem quer persuadir e conquistar, a fim de adaptar sua argumentação a eles. Assim, ao proferir um discurso, o argumentador deve construir, mesmo que presumidamente, o seu auditório: quem comporá a plateia, quais são os valores socioculturais, de modo que ele consiga adequar seu discurso àquele público específico. Presumir os valores do auditório e o que agrada a maioria dos participantes parece primordial para que se consiga a persuasão. Além disso, para ocorrer uma argumentação efetiva, é preciso conceber o

auditório presumido muito próximo ao auditório real; uma imagem inadequada do público pode trazer nocivas consequências para a adesão. Conclui-se, dessa forma, que o conhecimento do auditório, mesmo que presumido, é uma condição prévia essencial, para quem visa à persuasão.

Amossy (2008) corrobora essa concepção ao indicar que presumir o auditório a partir dos valores a ele atribuídos guia o orador ao planejamento de sua argumentação. Assim, a concepção, correta ou incorreta, que o orador faz do auditório, guia seu esforço para adaptar-se a ele. A má interpretação do auditório pode ocasionar fracasso na argumentação e deterioração da imagem do locutor. De acordo com a pesquisadora (2008, p. 124):

A eficácia do discurso é tributária da autoridade de que goza o locutor, isto é, da ideia que seus alocutários fazem de sua pessoa. O orador apóia seus argumentos sobre a doxa que toma emprestada de seu público do mesmo modo que modela seu *ethos* com as representações coletivas que assumem, aos olhos dos interlocutores, um valor positivo e são suscetíveis de produzir neles impressão apropriada às circunstâncias.

Ao proferir um discurso, alguns valores morais e materiais podem ser utilizados pelos oradores para ganhar a simpatia do auditório. Esses valores podem ser hierarquizados a partir do que o orador presume de seus ouvintes.

Pascal também observou a importância do auditório para a argumentação. Para ele (2005 [1963], p. 117), “é mister ter em conta a pessoa a quem se quer persuadir; é preciso conhecer seu espírito e seu coração, que princípios ela abraça, que coisas ela ama”. Assim, qualquer que seja o objeto de persuasão, deve-se levar em consideração o auditório a quem se dirige a argumentação, assim como é preciso utilizar os recursos retóricos apropriados àquele público.

Nesse sentido, observa Eggs (2008), o auditório só será persuadido se o orador encontrar argumentos e conselhos razoáveis e apropriados para a situação concreta. O locutor terá mais chances de persuadir seus ouvintes à medida que parecer expor esses argumentos com virtude, isto é, parecer ser sincero e honesto.

## **2. Sobre Metáfora como estratégia argumentativa**

Inúmeros autores já reconheceram o poder argumentativo de figuras como a metáfora no discurso, em especial no que concerne ao domínio político, pois elas são uma maneira de conquistar a adesão pela comunhão que promovem entre locutor e auditório, constituindo, portanto, uma estratégia argumentativa mais voltada à emoção do que à razão. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958], p. 195) afirmam que alguns dos possíveis efeitos de certas figuras na apresentação dos dados seriam “impor ou sugerir uma escolha, aumentar a presença ou realizar a comunhão com o auditório” e asseguram que a metáfora pode ser examinada em função da argumentação, pois há diferentes atitudes possíveis diante dela (idem, p. 465). Esses autores dizem:

O despertar de uma metáfora pode, claro, produzir temas diversos. A convivência entre orador e ouvinte sempre é apenas parcial; nenhum dos dois tem, o mais das vezes, uma ideia precisa da gênese de uma expressão metafórica. A força desta provém ao mesmo tempo da familiaridade com ela e do conhecimento bastante impreciso da analogia que está em sua origem (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005 [1958], p. 463).

Gibbs (1994, p. 140), um pesquisador do pensamento e da linguagem figurativos, observa que o discurso político contemporâneo está repleto de metáforas, muitas das quais revelam aspectos importantes da natureza figurativa do pensamento político (GIBBS,

1994, p. 140). Esse autor indica três hipóteses para explicar por que as pessoas falam metaforicamente: as hipóteses de expressabilidade, compactividade e vivacidade. A hipótese da *expressabilidade* propõe que a metáfora permite veicular ideias que não poderiam ser facilmente expressas por meio da linguagem literal. A hipótese da *compactividade* sugere que as metáforas possibilitam a comunicação de complexas configurações de informação de maneira econômica. E, por fim, a hipótese da *vivacidade* veicula a ideia de que, utilizando linguagem metafórica, os falantes podem expressar imagens mais ricas, detalhadas e vívidas de sua experiência fenomenológica e subjetiva, do que se usassem a linguagem literal (GIBBS, 1994, p. 124).

Considerando o que dizem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]), quanto à comunhão estabelecida pela metáfora e sua imprecisão de sentido, e as hipóteses de Gibbs (1994), é possível perceber a causa da escolha metafórica como instrumento argumentativo por parte de políticos como Paulo Maluf. A força da metáfora reside em conjugar apelo emocional e capacidade de expressar compacta e concretamente imagens vívidas, porém sem assumir o compromisso da precisão semântica. De qualquer maneira, essa imprecisão de sentido, tantas vezes útil ao discurso político por permitir a flexibilização das ideias, pode também representar um risco, pois o interlocutor pode interpretar a metáfora, ou a linguagem figurada em geral, de forma diferente da pretendida pelo locutor, provocando o oposto da adesão.

No exemplo 1 do Discurso na Câmara, transcrito a seguir, é possível observar como esse jogo linguístico entre o literal e o figurado pode ameaçar o discurso político, pois diferenças culturais e subjetivas não garantem que o sentido na recepção pelo interlocutor seja coincidente com o provável sentido conferido pelo emissor na enunciação:

(1) Na condição de *homem de madeira* por tradição – foi assim com meu pai, com meu avô, e é assim com meus filhos... (Anexo II)

É grande a probabilidade de Paulo Maluf ter se apresentado como *homem de madeira* por conta de sua ligação empresarial com o setor madeireiro, utilizando a expressão no sentido literal de ‘empresário do setor madeireiro’ para produzir sentidos positivos a seu respeito, ao se identificar como trabalhador do setor. Porém, se o interlocutor não conhece a história da família Maluf, controladora do grupo Eucatex, tradicional empresa do setor, pode interpretar *homem de madeira* como uma expressão metafórica com sentido próximo a “cara de pau” ou “santo do pau oco”, tomando emprestado dessas expressões sentidos próximos ao cinismo e à falsidade, certamente diferentes dos pretendidos por Maluf.

Nessa questão, vale ressaltar a habilidade discursiva de Paulo Maluf ao considerar o auditório a que se dirige, pois utilizou a expressão *homem de madeira* no discurso proferido na Câmara, entre seus pares, que já o conhecem bastante e sabem de sua ligação empresarial com o setor madeireiro. Se a mesma expressão tivesse sido usada na situação de inauguração, em que o auditório era mais heterogêneo, composto não só por correligionários, mas também por populares e moradores da região, o sentido pretendido poderia não coincidir com a interpretação dos interlocutores. Por se tratar ainda de um discurso que se acha disponível para consulta no site da Câmara dos Deputados, o público que tem acesso a essa manifestação também pode desconhecer as informações sobre a família de Maluf e depreender de sua fala sentidos indesejados pelo enunciatador.

Em estudos que adotam como perspectiva de pesquisa os aspectos cognitivos da metáfora, Lakoff e Johnson (2002[1980]) alegam que as metáforas estão infiltradas em

nossa vida cotidiana, e que o fato de um locutor expressar-se através de determinada metáfora e não de outra significa que ele está construindo a realidade de uma maneira e não de outra. Portanto, acreditamos que a análise da linguagem metafórica do discurso de Paulo Maluf pode, além de trazer pistas sobre a imagem que esse político quer construir de si para o seu auditório, revelar também sua maneira de enxergar o mundo e de relacionar-se com a política.

Ainda segundo Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 45), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” e “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Para esses autores, a metáfora estrutura ações que realizamos, assim como a maneira pela qual compreendemos o que fazemos; ela não está meramente nas palavras que usamos – está em nosso próprio conceito (ibidem), em nossos processos de pensamento, compondo um sistema cognitivo que, por sua vez, é baseado em nossas experiências de mundo. Eles afirmam:

(...) a metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. (...) usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. (...) Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF e JOHNSON (2002 [1980]) p.45).

Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 46) chamam de *metáfora conceptual* o conceito metafórico estruturador de uma atividade cotidiana, que pode ser definido através da

análise do conjunto de expressões metafóricas utilizadas em determinada atividade discursiva e envolve a compreensão de um domínio da experiência em termos de um domínio diferente de experiência. Em relação ao discurso malufista, uma breve análise do Discurso na Câmara (Anexo II) permite sugerir que a metáfora conceptual, conceito metafórico convencionalmente representado em letras maiúsculas, que estrutura essa manifestação discursiva seja AÇÃO POLÍTICA É GUERRA, visto que as expressões metafóricas nele encontradas apontam nessa direção. São exemplos:

(2) Poderíamos tranquilamente *combater* o efeito estufa se, em muitas dessas áreas que infelizmente foram desmatadas,... (Anexo II)

(3) Em vez de *combatermos* a escuridão,... (Anexo II)

(4) Com certeza, o Brasil estaria *combatendo*, de maneira positiva, o efeito estufa. (Anexo II)

(5) Então, Sr. Presidente, somos contra o desmatamento da Amazônia. Mas, *sob o aspecto positivo*, para *combater* o efeito estufa, seria melhor fazer o reflorestamento de certas áreas do país, nas quais há 50, 100, 200 anos havia madeira e hoje, infelizmente, estão desmatadas. (Anexo II)

O verbo *combater*, cujo significado literal seria *fazer guerra*, é uma escolha metafórica, visto que, de fato, o deputado não pretende fazer uma guerra contra o *efeito estufa* (exemplos 2, 4, 5) ou a *escuridão* (exemplo 3). Paulo Maluf, dentre tantas alternativas possíveis para sugerir formas de evitar o *efeito estufa* e a *escuridão*, escolheu um termo metafórico que remete ao domínio semântico da GUERRA e empregou-o repetidamente, sugerindo que a atividade de evitar esses males deve ser compreendida em termos da experiência da GUERRA. É interessante observar que o locutor, nos exemplos 4 e 5, tenta amenizar a ideia de *combate* utilizando



os modalizadores *de maneira positiva* (exemplo 4) e *sob o aspecto positivo* (exemplo 5), como se se desse conta de quão forte é a ideia de *fazer uma guerra* contra o *efeito estufa* e a *escuridão* e se apressasse a qualificar essa GUERRA como positiva, desejável até.

Um exame das expressões metafóricas presentes no Discurso de Inauguração (Anexo I) aponta numa direção um pouco diferente, principalmente porque elas são utilizadas na construção da identidade do grupo que trabalhou, durante a gestão de Maluf como prefeito, nas obras da Avenida Água Espirada. Os exemplos seguintes ilustram a caracterização que Maluf faz desse grupo por meio de metáforas que remetem aos campos semânticos de PODER e FORÇA, construindo uma imagem de superioridade em relação ao auditório, embora com a preocupação de negar que essa força tenha sido usada em prejuízo dos favelados que foram retirados do local para que a obra fosse feita, mesmo porque muitos deles fazem parte do auditório a que Maluf se dirige.

(6) Quero agradecer a este *trator de trabalho*, o ex-prefeito e secretário de obras Reynaldo de Barros. (Anexo I)

(7) Quero agradecer a outro, a um outro homem que foi o *corpo e alma* desta obra. (Anexo I)

(8) Não teve nenhum problema. Ninguém tirou ninguém *à força*, não. Todos eles foram *colocados* ou no projeto Cingapura, ou em apartamento da Cohab, ou receberam um *dinheirinho* para voltar para a sua terra, ou receberam lotes lá no Jardim Educandário onde vão construir a sua casa. (Anexo I)

As expressões metafóricas *trator de trabalho* e *corpo e alma*, utilizadas na qualificação dos colaboradores de Paulo Maluf na obra mencionada, fazem menção à força e ao poder desse grupo. Ao definir o secretário Reynaldo de Barros como *trator*, o prefeito

atribui-lhe força de trabalho descomunal, visto ser o *trator* um veículo pesado de tração usado para nivelar e escavar o solo, rebocar e transportar materiais, empregando força sobre-humana em tais tarefas. Ao referir-se ao economista Celso Pitta como *corpo e alma* da obra, Maluf pretende elogiá-lo pelos serviços prestados, colocando-o na condição simultânea de estrutura física e essência abstrata da empreitada, imprescindível para o sucesso do projeto. Ambas as caracterizações constroem identidades poderosas e fortes, que colocam o grupo do prefeito em posição de superioridade e importância em relação ao auditório.

De qualquer maneira, é interessante observar que a FORÇA, ou ainda termos que denotam a falta dela, também é usada para caracterizar um outro grupo, o dos favelados que ocupavam o terreno onde foi feita a obra. No exemplo 8, o locutor tem o cuidado de frisar que a FORÇA não foi usada em prejuízo dos antigos moradores, negando que eles tenham sido retirados *à força* do local em que se encontravam para dar lugar à construção da avenida. Ainda no exemplo 8, os termos *colocados*, que denota a manipulação dos moradores por parte dos políticos, e o diminutivo *dinheirinho*, referindo-se à pequena importância oferecida aos moradores para que voltassem para *sua terra*, reforçam a situação de superioridade do grupo do prefeito em relação aos moradores desalojados.

Ainda em relação a essa imagem de superioridade que Paulo Maluf constrói de si e de seu grupo em seu discurso, é interessante observar o uso da metáfora do arquiteto, como ocorre no exemplo a seguir:

(9) Tem alguém superior, um *arquiteto superior* que fez tudo isso. (Anexo I)

Geralmente, como se pode observar nas duas amostras do *corpus*, Maluf faz questão de ressaltar sua condição de homem católico e crente em Deus quando se pronuncia em qualquer ocasião. O fato de referir-se a Deus

como *arquiteto superior* promove aproximação entre Deus e o engenheiro Paulo Maluf, afinal o arquiteto é o profissional que idealiza e desenha projetos que o engenheiro vai construir. Nesse sentido, Maluf presume que seu auditório seja composto por pessoas que acreditam na força superior de Deus e, assim, tenta garantir a aprovação, da maior parte da plateia, para seu discurso.

A metáfora do *arquiteto superior* tem ainda outras funções, pois ela acrescenta sentidos novos à imagem divina, concretizando-a ao emprestar-lhe corpo e profissão, além de promover a aproximação entre o Deus arquiteto e o engenheiro Maluf, configurando a este uma posição de poder inatacável, simétrica a Deus, portanto assimétrica em relação ao auditório. Essa aproximação promovida pela metáfora do *arquiteto* também sugere, como fica patente no trecho final do Discurso de Inauguração, a garantia de aprovação divina às obras de Paulo Maluf.

### Considerações finais

Certamente muito ainda se poderia estudar sobre a estruturação do discurso de Paulo Maluf, mesmo considerando apenas as duas amostras pesquisadas. Entretanto, parece que esta breve análise das metáforas escolhidas por ele e o exame de seu conceito estruturador apontam para um locutor que valoriza a FORÇA como característica positiva na construção de uma identidade política, que utiliza a linguagem metafórica para reafirmar a aprovação divina às suas obras e que define a AÇÃO POLÍTICA como GUERRA. Conhecer esses elementos colabora para tornar mais transparentes os significados contidos no discurso desse político.

A diversificação da linguagem metafórica escolhida também sugere que o político Paulo Maluf tem o cuidado de considerar o auditório a que se dirige, de modo a atingir maior eficiência argumentativa. Ao se referir a Deus como entidade superior que aprova sua obra,

ele presumiu que seu auditório, independentemente de sua religião, acredita, como ele, em Deus, criando empatia com seus interlocutores e promovendo a comunhão de espíritos facilitadora da persuasão.

Pouco se poderia dizer sobre a recepção dessas duas manifestações discursivas por parte dos respectivos auditórios sem uma pesquisa mais acurada, contudo, as constantes reeleições do político Paulo Salim Maluf confirmam, de certa forma, que suas estratégias argumentativas são, em geral, eficazes na persuasão de seu auditório, transformando-o em eleitorado fiel.

### Referências

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2008. p. 119-144.

AQUINO, Zilda G. O. Elementos de organização do discurso político televisivo: um estudo do gênero debate. In : **VI Congresso de Linguística General**, 2007, Santiago de Compostela. Actas del VI Congreso de Linguística General. Madrid: Acolibros, 2007. v. III. p. 3247-3256.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005[1354].

EGGS, Ekkhard. O *ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto. 2008, p. 29-56.

FIX, Mariana. **Parceiros da Exclusão: duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo**: Faria Lima e Água Espraiada. São Paulo: Boitempo, 2001.

GIBBS, Ray. W. **The poetics of Mind – Figurative thought, language and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002. (Original: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980).

PASCAL, Blaise. **Da arte de persuadir**. Trad. Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2005 [1963].

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2ª ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Original: PERELMAN, Chaïm ; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Traité de l'Argumentation**. La nouvelle rhétorique. Bruxelles: Éditions de l' Université de Bruxelles, (1958) 1983.)

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

## Anexos

### Anexo I – Discurso de Inauguração<sup>2</sup>

Enquanto as últimas famílias de Jardim Edith recebiam o pagamento e desmontavam a casa para a “mudança”, como a de Mariana<sup>3</sup>, o primeiro trecho da avenida Água Espraiada estava sendo inaugurado pelo prefeito, o senhor Paulo Salim Maluf, em 10 de janeiro de 1996. Fui sozinha ver se a inauguração já tinha começado e quando cheguei o Prefeito discursava:

---

<sup>2</sup> O discurso mencionado consta da obra **Parceiros da Exclusão** (FIX, 2001, p. 200-2) e foi proferido por Paulo Salim Maluf, então prefeito de São Paulo, na inauguração do primeiro trecho da Avenida Água Espraiada, em 10 de janeiro de 1996. No trecho inicial, Mariana Fix introduz a fala do prefeito.

<sup>3</sup> Mariana é uma moradora da favela Jardim Edith, que Mariana Fix acompanhou em sua pesquisa sobre o processo de retirada dos moradores para a implantação das obras.

Paulo Maluf - Quero agradecer também aos favelados que moravam aqui. Não teve nenhum problema. Ninguém tirou ninguém à força, não. Todos eles foram colocados ou no projeto Cingapura, ou apartamento da Cohab, ou receberam um dinheirinho para voltar para a sua terra, ou receberam lotes lá no Jardim Educandário onde vão construir a sua casa. Todos tiveram sua vida melhorada. Ninguém prejudicou ninguém. Eles são pobres mas são gente de dignidade e tem direito a viver bem (*aplausos*). Quero agradecer a este trator de trabalho, o ex-prefeito e secretário de obras Reynaldo de Barros. Este é um camarada trabalhador. Leva a mensagem à Garcia. Parabéns Reynaldão (*aplausos*). Quero agradecer a outro a um outro homem que foi o corpo e alma desta obra. Porque não adianta dizer que vai fazer e chega no fim do mês e não paga o trabalhador. Aqui todo mundo recebeu vinte e quatro horas na frente. Graças ao Celso Pitta, este grande economista (*aplausos*). Este é o meu ministro da fazenda que não falha nunca. Ele comparece sempre vinte e quatro horas na frente. Quero agradecer também ao deputado Reynaldo de Barros Filho, que nunca nos faltou na Assembléia Legislativa (*aplausos*). Quero agradecer também à secretária do Verde e do Meio Ambiente dona Cláudia Sabin, que também nunca nos faltou no seu trabalho, por ela e pelo doutor Werner Zulauf. Agradecer aos vereadores; tá aqui o Edson Simões, aqui da região sul; tá aqui o Mário Dias, médico da Santa Casa, que muito nos ajudou; aqui da região Sul também o Mohamed Murab – vem cá Murab, põe a cara aqui também (*aplausos*). Esta aqui também o secretário dos transportes, o Carlos Toledo, que sempre nos ajudou muito (*aplausos*). Está aí o presidente da Cohab, o Marcos Eluf, que arrumou casa para quase todo mundo que estava aqui. Ninguém ficou na rua. Parabéns (*aplausos*). Está aqui também o nosso tenente coronel Oswaldo de Barros Jr., chefe do gabinete militar do prefeito. O provedor da Santa Casa de Santo Amaro,

doutor Tarcílio Leite Pereira, que vamos ver se na sexta-feira – cadê o doutor Tarcílio? Chama ele aqui – sexta-feira nós vamos dar uma ajuda para a Santa Casa de Santo Amaro. Vamos dar um chequezinho para eles (aplausos). Quinhentos mil reais, meio milhão de dólares nós vamos dar para ele tratar bem os doentes de Santo Amaro (*aplausos*). Também está aqui o Luiz Antônio Erhardt, presidente da Acore – Associação da Água Espraiada, muito obrigada a você (*aplausos*). Agradecer aos administradores regionais e finalmente dizer para vocês o seguinte: eu sou cristão, eu acredito, eu creio. Tem um Ser Superior lá em cima, eu não sei se Ele tem a forma de um homem, se Ele tem um metro e oitenta de altura, um metro e noventa, ou um metro e setenta. Só sei que Ele existe. É só estudar por exemplo o Sistema Solar, o Universo, os planetas todos, Mercúrio, Vênus, Terra, Marte e outros. É só estudar um pouquinho anatomia do corpo humano, o paladar, a audição, o tato, a visão, o cheiro. Pois bem. Tem alguém superior, um arquiteto superior que fez tudo isso. Ele está vendo todos nós. Está julgando todos nós. No computador dele tem todas as ações da gente. Eu portanto agradeço a vocês, que através do voto popular há três anos me proporcionaram fazer esta obra. Eu agradeço, porque Deus está me vendo (*muitos aplausos, gritos de aprovação*). Mas Deus está me vendo e Deus um dia há de ser misericordioso. Quando a gente chegar lá, Deus vai dizer pra gente: *‘Olha, eu vi você lá no Água Espraiada, você melhorou a vida daquele povão. Vai ficar uns dez minutos no purgatório e pode ir para o céu’*. (*aplausos finais*)

## **Anexo II – Discurso na Câmara**

Câmara dos Deputados – DETAQ  
Sessão: 047.1.53.0 Hora: 16:26 Fase: GE  
Orador: PAULO MALUF, PP-SP  
Data: 26/03/2007

O SR. PAULO MALUF (PP-SP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) –

Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, ouvi atentamente, no Grande Expediente, o belo discurso da Deputada Perpétua Almeida, do Acre. S. Exa. analisou com profundidade os problemas atuais do Estado, os problemas acontecidos durante seu desbravamento, os problemas do desmatamento e, eventualmente, os problemas do efeito estufa, em função desse desmatamento.

Na condição de homem de madeira por tradição – foi assim com meu pai, com meu avô, e é assim com meus filhos -, gostaria, não tendo tido a oportunidade de apartear a Deputada Perpétua Almeida, de dizer que, cristão, aprendi no catecismo que existem 2 maneiras de ir para o céu: por contrição perfeita ou por contrição imperfeita. Vai-se para o céu por contrição perfeita, por amor a Deus, ou se vai para o céu por contrição imperfeita, por medo do diabo.

Por que faço essa analogia? Neste País, temos pregado muito contra o desmatamento. Ora, se existe um país no mundo que tem sol, água, terra boa e condições ideais de fotossíntese para o reflorestamento, esse país é o Brasil. Poderíamos tranquilamente combater o efeito estufa se, em muitas dessas áreas que infelizmente foram desmatadas, se propiciasse o reflorestamento com outras essências.

Plantou-se muito neste país com incentivos fiscais dados ao reflorestamento – 25% do Imposto de Renda. Foram plantados neste país milhões de unidades de pinus (*pinus elliot*, *pinus taeda*, *pinus patula*), eucaliptus (*eucalyptus tereticomis*, *eucalyptus grandis*, *eucalyptus saligna*, *eucalyptus alba*), que hoje dão emprego a centenas de milhares de pessoas numa das indústrias que mais prosperam no Brasil, a indústria de papel, celulose e artefatos de fibra de madeira.

Deixo aqui proposta com base na minha experiência. Em vez de combatermos a escuridão, quem sabe seria melhor acender uma vela, ou seja, restabelecer o princípio

existente até 1988, 1989, dos incentivos fiscais para reflorestamento. Com certeza, o Brasil estaria combatendo, de maneira positiva, o efeito estufa. Dessa forma, o Brasil estaria sendo reflorestado e, evidentemente, empregos seriam dados a milhares de desempregados.

Sr. Presidente, quero também dizer que, na contramão da história, estamos vendo o Brasil com carga fiscal cada vez maior e dificuldade de conceder incentivo fiscal porque a Receita Federal só pensa em aumentar sua arrecadação.

A China tem carga fiscal de 17% do PIB, enquanto a nossa é de 39%. A China tem juros de 3% ao ano contra os 5% dos juros americanos, ou seja, juros negativos de 2%, enquanto os do Brasil são 8% positivos. A China tem a moeda desvalorizada, o que favorece a exportação, e nós, infelizmente, temos o nosso Real cada vez mais valorizado, o que impede a exportação de produtos com valor agregado. Se na China está dando certo a menor carga fiscal, juros menores e moeda mais desvalorizada, proporcionando a ela crescer 11% ao ano, acho que para que o Brasil cresça verdadeiramente a taxas de 5% do PIB, seja por meio do PAC, seja por meio de qualquer outro plano, uma das condições é o aumento do investimento.

Então, Sr. Presidente, somos contra o desmatamento da Amazônia. Mas, sob o aspecto positivo, para combater o efeito estufa, seria melhor fazer o reflorestamento de certas áreas do país, nas quais há 50, 100, 200 anos havia madeira e hoje, infelizmente, estão desmatadas.

Faço apelo ao Governo no sentido de que pense em restabelecer os incentivos fiscais para novos reflorestamentos. Aí, sim, vamos gerar emprego, novas indústrias, progresso e, mais do que isso, combater o efeito estufa de maneira positiva.

Muito obrigado, Sr. Presidente